

Algumas notas sobre o palimpsesto.

A propósito de “Devir” de Carlos Correia

«Nessa casa repousa um tapete que está prestes a ser buraco
mas que, de alguma forma, permanece ainda pintura.»

Carlos Correia

Desde o seu início que a pintura de Carlos Correia — que hoje se apoia já sobre um consistente corpo de obra e numa continuada experimentação — observou um fio condutor e evidenciou uma preocupação acima de todas as demais: a compreensão do problema do espaço.

Na verdade sabemos bem, mesmo se a maior parte do tempo fazemos por o esquecer, que mesmo mais do que o tempo, a questão central de toda a pintura é o espaço. Isto é, a invenção imaginária do espaço. É por via dessa *invenção do espaço* que a pintura se constitui como forma e como pensamento da forma. Da pintura greco-romana à medieval, ou desta à Renascentista e à pintura abstracta do século XX, a questão foi, sempre, a da invenção ou reinvenção de um espaço. Toda a noção da perspectiva, que quase dois séculos de arte europeia aperfeiçoaram até à mais extrema sofisticação, constitui uma abstracção matemática e mais exactamente geométrica do espaço, que permitiu pensar a óptica e a partir da qual se aperfeiçoaram instrumentos de precisão de um valor incalculável para todas as ciências.

De outro modo, a abstracção de Mark Rothko permitiu pensar zonas de uma tal profundidade, que elas parecem sintonizar percepções de espaços cósmicos, ou situar-nos diante de possíveis intuições de lugares que de outro modo jamais poderíamos conhecer, e muito menos reconhecer. E quem não se surpreendeu já diante de uma imagem obtida hoje por um desses extraordinários telescópios da NASA, ao aperceber-se de uma secreta semelhança entre estas com alguma pintura abstracta realizada há mais de meio século atrás?

Hoje a pintura, e mais em geral a arte, já não tem, como chegou a ter nessas épocas em que se fazia a aurora da modernidade, uma relação tão próxima com as ciências, mas nem por isso deixou de se pensar como invenção de espaços. E surpreende-nos ver, nesta mais recente mostra de Carlos Correia, com que exactidão ele consegue sugerir-nos, pelo artifício da geometria e da cor — instrumentos essenciais a essa operação — uma *espacialidade outra*, capaz de sugerir espaços abandonados, quase como se o que vemos nas suas telas trouxesse a imagem exacta de casas e de arquitecturas que o tempo simplesmente degradou no abandono.

Espaços vazios, ou melhor: esvaziados, de onde se retirou toda a presença humana, e de que restam paredes, solos, vãos, manchas e restos de cor esmaecida que outrora teria coberto essas paredes, agora e talvez para sempre deixadas ao mais cruel esquecimento. Ou ao restauro, que serve o gosto fácil e sem grande invenção próprio do nosso tempo.

Esvaziados dos seus habitantes, os espaços sugeridos (ou antes: inventados) de Carlos Correia parecem visitar, secretamente embora, o que foram, em outro tempo e em longínquos lugares, esses espaços que, então, serviram de cenário aos interiores riquíssimos da pintura do século XVII, sobretudo a espanhola e a holandesa, como se estes tivessem sido há muito abandonados, restituídos a paredes e chãos que o tempo foi lentamente desfigurando. Ou, então, a modernos apartamentos do período áureo do Ocidente, em que habitações generosas acolhiam vidas de fausto prático e de confortos vários que, graças à luz eléctrica, se deslumbravam na eufórica e surpreendida descoberta da tecnologia que rapidamente ia fabricando a nova sociedade de consumo, e que Hamilton antes celebrou.

Como se, assim, a sua pintura aludisse também a um dos temas mais fundamentais de toda a arte actual, o de uma memória em luto, agindo sobre a impossibilidade de reconstituição da arte do passado, quer dizer da grandeza do passado, seja mesmo o luto do seu ainda fresco passado modernista. E, por essa via, aludindo em subtil desconstrução a essa referencia às arquitecturas de que a arte recente também se

vem alimentando, questionando criticamente o seu passado e certas formas de nele se figurarem os velhos poderes da imagem.

Assim, onde antes repousava um cesto rico de frutas delicadas, ou um tabuleiro pesado das suas caças ou de peixes e mariscos, onde um cão dormia, onde uma senhora de vestido sobriamente protestante se sentava, ou onde um banqueiro judeu contava florins de ouro, resta agora apenas uma parede vazia, que mais lembra uma pintura abstracta, um pedaço de chão onde já nada pousa, uma mancha de humidade que sinaliza ter lá havido antes um quadro pendurado. Nada pois ali ficou dessas grandezas de outrora, e tudo ressoa abandono, solidão, melancolia, espaço esvaziado da sua densidade antiga e agora convertido a puro espaço.

Este jogo continuado com as imagens da pintura, com a sua suspensão ou substituição por outras, igualmente pictóricas, constitui outro dos índices por onde se revela a grande inteligência plástica e conceptual do nosso artista. Através dele, o que Carlos Correia nos demonstra — como antes o fez de outro modo nas séries a propósito de Manet, em que introduzia no ecrã do quadro a silhueta dos espectadores — é que toda a pintura é também acto de memória, reabilitação e transfiguração de uma anterior imagem, que incessantemente se recicla e se sobrepõe, que toda a pintura é, afinal, palimpsesto. Também isso é um trabalho sobre o espaço.

E agora Carlos Correia transporta isso para ainda mais longe, ao fazer, a partir das pinturas, novas formas agora parentes da escultura. Como se a esse espaço da pintura fosse ainda possível convertê-lo em formas outras, uma vez recolhidas, encolhidas, comprimidas, achatadas, esvaziadas de toda a representação. Que parecem aquelas acumulações de lâmpadas de néon com que Dan Flavin iluminou o *Minimalismo* americano.

Mas mesmo essas formas continuam o problema da pintura — como aliás também as de Flavin o faziam — justamente porque continuam a problematizar o espaço, não tanto na sua mais imediata e directa ocupação como antes na sua *potencialidade*, e é isso afinal o que mais de facto distingue a pintura da escultura. Na pintura (tal como no inconsciente) o espaço é sempre potencial, jamais palpável. Por isso ela está sempre mais do lado da abstracção, mesmo quando figura, tal como a escultura, mesmo se abstracta, designa sempre um concreto.

Assim, a noção de “Devir” assume em relação a esta obra a consagração de um movimento interior que a toda ela percorre, e que a obriga incessantemente a reinventar-se, sem todavia deixar de ser fiel aos seus pressupostos primeiros de fina inteligência.

Carlos Correia é, decerto, um dos mais interessantes artistas que nos é dado seguir na cena contemporânea em Portugal, quer pela capacidade de reinvenção, quer pela coerência do seu projecto. E isso justifica que vamos acolher cada nova exposição com a expectativa e o entusiasmo a que tais presenças obrigam. Sob pena de desatendermos os sinais mais certos do nosso próprio tempo.

Bernardo Pinto de Almeida
Dezembro 2016

Inauguração Sábado, 7 Janeiro | 16h
Patente de 10 de Janeiro a 25 de Fevereiro 2017 |
Terça a Quinta-feira das 15h às 20h
Galeria Pedro Oliveira | Calçada de Monchique, 3 . 4050-393 Porto
T. (+351) 222007131 | M. (+351) 918494794
gpo@galeriapedrooliveira.com | www.galeriapedrooliveira.com